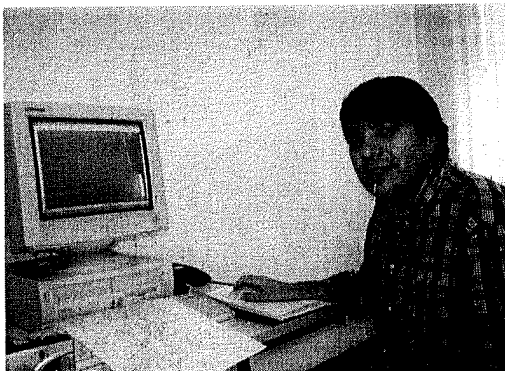


Maternidades devem manter-se

Rui Alves, investigador e docente da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Castelo Branco, acaba de realizar um estudo sobre o tempo de chegada aos hospitais e as distâncias percorridas, onde conclui que a melhor opção é a continuidade das três maternidades (Castelo Branco, Covilhã e Guarda) em funcionamento. Caso essa opção não seja tomada, aquele investigador revela que a distância média que uma grávida terá que percorrer até chegar à maternidade mais próxima ultrapassa os 70 minutos.

O estudo, que será apresentado no Verão, num Congresso em Viseu, revela que a manutenção das três maternidades em funcionamento faz com que a distância média de chegada das parturientes às maternidades da sua área seja de 59 minutos. "O Governo deve ter muito cuidado nesta matéria. A situação actual revela que estamos perante a melhor opção, já que a distância média a um hospital distrital é uma hora, que é a aceitável. Caso contrário esse tempo subirá bastante", explica.

Rui Alves adianta ainda que "o ministro deve olhar para os valores deste estudo e optar por manter as três maternidades em funcionamento, o que permitirá num futuro de 10 ou 15 anos manter em aber-



to outras soluções". Para este estudo, o professor da EST de Castelo Branco utilizou um modelo que teve em conta a evolução dos nascimentos, taxas de natalidade entre 96 e 2004, as distâncias de todas as freguesias às sedes de Concelho e destes ao hospital que lhes está afecto, o tipo de estradas utilizadas, o tipo de população (grupos etários) e o tempo percorrido.

Caso a opção seja mesmo a de encerrar uma das maternidades, o estudo revela que no imediato, esse encerramento deve ser feito na Covilhã, já que com as maternidades da Guarda e Castelo Branco a distância média ronda os 71 minu-

tos, subindo para os 74 minutos nas outras duas opções. Rui Alves colocou também em cima da mesa a possibilidade de Abrantes e Viseu entrarem neste processo, concluindo que aquelas duas maternidades com Castelo Branco e Guarda passariam a ter uma distância média de 70 minutos. A hipótese, no imediato, mais complicada é a rede Covilhã, Viseu e Abrantes, onde o tempo médio percorrido é de 76 minutos. Contudo, dentro de 10 ou 15 anos, essa poderá ser uma solução mais viável, "tendo em conta a evolução da população nas freguesias mais afastadas das sedes de concelho, na sua maioria com-

postas por gente idosa".

Os resultados do estudo levantam outros problemas, no entender de Rui Alves. "A própria distribuição das ambulâncias deve ser reequacionada, de forma a diminuir a distância a percorrer. Isto porque se uma viatura desse tipo estiver localizada numa freguesia afastada, por exemplo do quartel de Bombeiros, a distância que ela percorrerá para ir socorrer uma parturiente é menor, logo o tempo de chegada ao hospital também o será".

No entender de Rui Alves é importante que haja a distribuição das ambulâncias em pontos estratégicos. Outro aspecto importante e que envolve directamente as autarquias diz respeito às vias de comunicação. No entender daquele docente do Politécnico de Castelo Branco, não faz sentido o Governo tomar decisões deste tipo sem avaliar outros dados importantes. "É importante saber-se quais as estradas onde é preciso corrigir traçados, pois não basta pavimentá-las. Há situações extremas que nos obrigam a pensar nesta situação. Por outro lado, temos vias que tem um traçado de tal forma sinuoso, que é impossível percorrê-las no tempo desejado numa situação de emergência. Aquilo que se fez em Portugal foi uma lógica de IP's e IC's, esquecendo-se tudo o que está por baixo", diz. ■